



Capa e Batina



ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ESTUDANTES DE COIMBRA EM LISBOA

Editorial

ERA UMA VEZ EM NOVEMBRO...

De facto, foi em Novembro (de 1887) que nasceu a Associação Académica de Coimbra, como afirmação do espírito académico que congregava os estudantes, mas que anteriores tentativas não tinham conseguido concretizar em plenitude (Academia Dramática, Academia Coimbrã, Clube Académico, Associação Académica e Dramática, para citar os mais importantes).

Mesmo assim, não foram fáceis os primeiros tempos. A irreverência dos "jovens" estudantes não era fácil de conjugar com a intolerância dos "velhos" docentes.

Apesar das actividades culturais e desportivas da Associação serem reais, as coisas não eram fáceis, desde as dificuldades de conseguir instalações minimamente funcionais até à vigilância e controlo das autoridades decentes e policiais. E desde a mudança de poiso até à suspensão e quase extinção, sucedeu de tudo.

Até que o Senado Universitário concedeu à AAC o rés-do-chão do Colégio de São Paulo, na Rua Larga, cujo primeiro andar já estava ocupado pelo Clube dos Lentes.

Ora o rés-do-chão era escasso para albergar a actividade académica, incluído o Orfeão e a Tuna, que então já existiam. Assim, foi pedido e conseguido que também o primeiro andar fosse entregue à Associação. Porém, o Clube dos Lentes, quem sabe se por falta de dioptrias, tardava em libertar essas instalações.

Até que, também em Novembro, aos 25 dias, corria o ano de 1920, um grupo de estudantes, quais conjurados, decidiram tornar concreta a entrega à Associação, pelo Senado desse primeiro andar do Colégio de São Paulo.

Essa acção, com foros de revolucionária, ficou famosa e assumiu contornos que levaram a academia a denominá-la como *Tomada da Bastilha*, passando o Colégio a ser conhecido como a Bastilha e o dia 25 de Novembro passado a ser considerado como o dia da Academia de Coimbra.

Foram passando anos e, felizmente, vivemos hoje tempos novos.

As crispções antigas foram sendo diluídas na compreensão que entre gerações se foi consolidando.

O dito popular que afirma "filho és, pai serás" quase poderia ser transposto para o meio académico, com as devidas reservas, sob a forma "aluno és, professor poderás vir a ser" ou, melhor ainda, "se hoje és professor, é porque já foste aluno".

E antigos alunos, professores ou não, foram testemunho do que é uma manifestação tão genuína do espírito académico e da vida associativa.

Novamente em Novembro, no passado dia 20, os que estudámos em Coimbra nos juntámos para lembrar os nossos antigos colegas que há 84 anos e também em Novembro, se atreveram a dar uma ajuda à consumação da justiça.

Foram cerca de 500 os participantes que, comparecendo, contribuíram para que a chama da **vida associativa** permaneça bem acesa e se projecte no futuro, em muitos mais Novembros que todos desejamos reviver.

Maria Isabel Soares da Costa

85º ANIVERSÁRIO DA TOMADA DA BASTILHA - 2005

CASINO ESTORIL, 19 DE NOVEMBRO

Esta 85ª Comemoração do evento mais eminentemente académico revestiu, neste ano, uma configuração diferente, com um "Show Nosso" recheado de todos os ingredientes possíveis da nossa lendária irreverência.

Assim o apresentou a Presidente da Direcção, Fátima Lencastre, nas suas palavras de boas-vindas, desviando-se do protocolo habitual de saudar primeiramente as entidades académicas, civis e militares (presentes como convidados), com o propósito não só de despertar o humor e a magia coimbrã através da representação de uma peça sobre Inês de Castro que já foi levada à cena por Tunos e outros Antigos Estudantes de Coimbra, como também de dar maior realce à saudação académica que a Direcção quis ali lançar ao Sócio Joaquim Couto no momento em que deixou as funções de director comercial do Casino Estoril para se dedicar ao Casino do Parque das Nações.

E - tal como salientou - esse espírito de irreverência, desprovido de qualquer apoucamento da figura de Inês de Castro e da sua tragédia histórica, foi secundado pelo Prof. Doutor Aníbal Pinto de Castro que, na sua dupla qualidade de consabido historiador e Presidente da Fundação Inês de Castro, iria introduzir a peça, apelidando-a, ele próprio, de Paródia.



Com o mesmo sentir, o Joaquim Couto houvera recusado qualquer homenagem, aceitando apenas uma saudação dos seus pares como forma de gratidão pelos seus constantes carinho e disponibilidade nas vinte ou mais comemorações da Tomada da Bastilha no Casino.

E, no palco, acompanhado pelo Presidente do Conselho de Administração, Mário Assis Ferreira, ouviu com bonomia as palavras da Fátima a "denunciar" a primazia que o saudado sempre deu à sua Briosa, em dedicação, privilégios e condições que proporcionara nos eventos promovidos no Casino pela Casa da Académica em Lisboa, despertando fundados ciúmes na nossa Associação.



Do mesmo modo, não rebateu nem pestanejou quando foi "posta a nu" (com amor académico, claro) a sua maior fraqueza: a luta contra o calendário, a redução sistemática de dois anos a um só, no único intuito de sentir sempre nos ombros a capa e batina e nas mãos a pasta com as fitas - juventude de estudante de Coimbra que é um incentivo e que todos aplaudiram com fraternidade após o EFERRE-Á lançado pelo nosso Presidente da Assembleia Geral, António de Almeida Santos.

Depois da já tradicional entrega pelo Presidente do Conselho Fiscal, Joaquim Oliveira Martins, do prémio ao aluno da Faculdade de Direito que obteve a melhor classificação final de curso, Orlando Dinis Vogler Guiné, abriu o pano... e eis Inês de Castro, representada por Anjos de Carvalho, D. Pedro, por Tito Costa Santos, D. Afonso IV, por João Lamas, Infantes, por Menezes Falcão e José Moura, Pacheco, por Alcindo Costa, Pêro, por Queiroga Chaves e Polícia, por Soares da Costa, numa representação de **"Inês de Castro na Irreverência Académica"** de tal maneira empolgante que as ovações romperam, assim se vivendo e preservando a alma-mater de Coimbra.



Toda esta vivência envolveu a jovem Associação Académica de Coimbra, que se fez representar pelos seus Presidentes da Direcção-Geral e da Assembleia Magna (amorosamente acompanhados...), e quis participar neste evento com um Grupo da sua Secção de Fados, **"O Despertar"**, que tomou a seu cargo a

Serenata Monumental, acompanhando os seus cantores e os nossos "veteranos consagrados" (a pedido do próprio Grupo).



Jovens estes que levaram para Coimbra o testemunho da dignidade com que os Antigos Estudantes de Coimbra desempenham o seu papel de arautos do prestígio da nossa Universidade, onde quer que estejam e perfilhem as ideias que perfilharem.

Como notas dominantes, regista-se para a posteridade a grata presença do Prof. Doutor Pedro Saraiva, Pró-Reitor da Universidade de Coimbra, recentemente incumbido de estabelecer uma ligação efectiva com as Associações de Antigos Estudantes de Coimbra como parceiros sociais que são, dando-as a conhecer aos jovens que saem da Universidade todos os anos; a presença da Directora da Fundação Inês de Castro, Dr.^a Isabel Júdice; e as magistrais palavras do Prof. Doutor Aníbal Pinto de Castro, que serão registadas no próximo Boletim (razões de falta de saúde têm impedido o Professor de as transmitir para o papel).

Foram, mais uma vez, momentos inesquecíveis para os quase 500 convivas deste evento, que não cansam de manifestar a alegria do reencontro no *"Coimbra de Honra"* que antecede o jantar, que assistem divertidos ao Show do Casino *"Dança com Letras"*, que cantam em uníssono (às 2 horas da manhã) a *"Balada da Despedida"* (até 2006!).

ESPAÇO PARA AS OUTRAS A.A.E.C.

I - ENTERRO E RESSURREIÇÃO DO PRIMEIRO GRAU ACADÉMICO NO ENSINO SUPERIOR PORTUGUÊS

A Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra no Porto dedicou parte do Programa da Comemoração do seu 12º Aniversário ao Centenário do "Enterro do Grau" com os seguintes texto e Fado alusivos:

1. Até 1905, na Universidade de Coimbra, no final do 4º ano de escolaridade, era conferido um primeiro grau académico, e, no final do 5º ano, era conferido um segundo grau académico.
2. A atribuição do 1º grau académico era envolvida por um grande cerimonial, na Sala dos Grandes Actos da Universidade: o estudante aprovado ajoelhava-se diante do "lente", sobre uma almofada da cor da respectiva faculdade; depois de um extenso arrazoado em latim, o "lente", tirando a "borla" da sua cabeça, tocava com ela na cabeça do novo graduado; quando o estudante pagava, tinha direito à participação da "charamela" da Universidade, que se encarregava da parte musical...
3. Do conflito entre a espectacularidade cerimonial da atribuição do primeiro grau académico alcançado, e a mediocridade parcimonial do conhecimento académico adquirido, resultou a reforma da Universidade de Coimbra, legislada em 1901 e implementada em 1905. Nela participou o lente da Faculdade de Direito, Abel Pereira de Andrade, na qualidade de Director Geral da Instrução Pública.
4. O decreto nº 4, de 20 de Dezembro de 1901, "sentenciou à morte" o primeiro grau universitário, atribuído no final do 4º ano de escolaridade. Em 1905 a sentença de morte, proferida em 1901, foi formalmente executada pela Universidade e estrondosamente festejada pela Academia, dando lugar às "incontroversas manifestações de mágoa dos quartanistas da universidade de Coimbra, por ocasião do infausto passamento do grau do 4º para o 5º ano".
5. Em 2005, na sequência da implementação do processo de Bolonha, surge a Lei 49/2005, de 30 de Agosto, pela qual a escolaridade universitária voltará a ter um primeiro grau académico (alcançado ao fim de 3 ou 4 anos de escolaridade) e um segundo grau académico (alcançado no final de 2 ou 1,5 anos de escolaridade). **O primeiro grau de escolaridade universitária, morto em 1905, ressuscita em 2005.**
6. Face a esta coincidência, a Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra no Porto decidiu dedicar a lembrança do seu aniversário de 2005, gerando um espaço de memória e um tempo de reflexão sobre a natureza e alcance de um primeiro grau do ensino superior português, considerando o enquadramento definido pelo processo de Bolonha.

Porto, 3 de Dezembro de 2005

Direcção da AAEC no Porto

FADO DO ENTERRO DO "GRAU"

Letra de Mário H. da Silva
Música de Alfredo de Sá
(Quartanistas de Direito)

*Há muitos anos que foi
À igreja um lindo par:
Era o "Grau" mai - 'la "Sebenta"
Que iam para se casar.*

*E, desde então até agora,
Numa sagrada harmonia,
A vida, sem um desgosto,
Era o amor dum só dia...*

*Veio uma praga - a Reforma -
Triste sina! O negro fado!
O velho "Grau", curvo e seco,
Aparece... transformado!...*

*Pobre "Sebenta!" Ao saber
A desgraça que a feria,
Desesperada, gritava
Que qu'ria Tipografia!...*

*Chora a triste sem descanso
A cruel separação,
Que não há como a Saudade
P'ra matar o coração!...*

*É que o "Grau" só volta à luz,
Quando o novo bacharel
Nunca mais ouvir um lente,
Nem aturar o "bedel".*

SARAU DA CASA DE GOA/ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ESTUDANTES DE COIMBRA EM LISBOA NOITE DE GALA "DE GOA A COIMBRA"

Foi um Sarau digno de registo na história cultural da nossa Associação.
Assim o relata o Vice-Presidente da Direcção da Casa de Goa:

"De Goa a Coimbra"

Natural expectativa rodeava a "Noite de Gala na Aula Magna da Universidade de Lisboa, anunciada para o dia 22 de Outubro e promovida pela Casa de Goa Grupo Ekvât, com a colaboração da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa.

Os estrondosos aplausos, que se ouviram ao longo do espectáculo, redundaram em grande ovação, no final, com muitos espectadores a aplaudir, de pé, os elementos do Ekvât e da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa.

Quem diria que as músicas e danças de Goa conjugavam tão bem com a serenata de Coimbra e outros géneros tão bem cultivados pelos músicos da Associação dos Antigos Estudantes!

Diferentes ritmos, diferentes melodias, permitiram que o espectáculo tivesse sido um grande sucesso, que encantou todos os presentes.

O Grupo Ekvât apresentou trajos renovados, que deram maior beleza a um reportório renovado, muito cuidado.

Maria de Lourdes Elvino de Sousa, a nossa Maluda, apresentou o espectáculo, que se iniciou com breves palavras de agradecimento da Presidente da Associação, Dr.ª Fátima Lencastre, e pela leitura pelo signatário de uma mensagem do nosso Presidente, Prof. Narana Coissoró, que enalteceu a qualidade do Ekvât e destacou o excelente trabalho de Jerónimo Silva, Director musical, e de todos os elementos em geral. O Hino da Casa de Goa, aprovado em 2004 mas só agora entoado, agradou a todos.

Seguiram-se Karzarachem Fest (Festa de Casamento), Kantar Goa (Cantar Goa), Babu Amgeló (O nosso menino), Ratchi Ranni (Rainha da Noite), Doriachê Degêr (À borda do Mar) e Barra de Damão (Rapsódia popular).

Carlos Carranca e Francisco Vasconcelos, da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa, com Jorge Tuna e Durval Moreirinhas à guitarra, ofereceram-nos bons momentos de poesia seguidas de belas guitarradas por Jorge Tuna, antes do intervalo.

Seguidamente, vimos e ouvimos Saraswati (Deusa da Arte), Gonvlim (Canção das Vendedoras de Leite) e Barik Nachi (Bonita Dança), belas canções com danças de grande beleza.

Luís Goes, Sutil Roque, Arménio Marques dos Santos, Mário Veiga e Ribeiro da Silva, acompanhados pelos guitarristas Carlos Couceiro e Teotónio Xavier e pelos violistas António Toscano e Durval Moreirinhas, voltaram a proporcionar bons momentos de Coimbra.

Na parte final, o Grupo Ekvât voltou a encantar com Zaitim dukam rê galloilim (Muitas lágrimas chorei) e Ixttancho Ugddas (Saudade dos Amigos).

As despedidas couberam aos dois grupos. O Ekvât terminou com o Mandó de Despedida.

No final, uma grande emoção, quando os dois grupos vieram agradecer o entusiasmo do público, que os ovacionou de pé.

Edgar Valles"

Assim o exprimem alguns dos nossos Sócios que a ele assistiram:

"Foi lindo. Goa e Coimbra. Música e tradições. Espectáculo elevado, mágico, sentido conforto da nossa História. Gostei. Gostei muito... não só do que vi com os olhos, mas do que também vi com o coração."

Carlos Rocha

"Festa de sonho! A magia das músicas, a beleza dos trajos, a suavidade e leveza das danças, o sentimento na evocação das tradições... tudo foi espectacular, irmanado no encanto da participação coimbrã. Goa e Coimbra, as minhas saudades, o meu encantamento."

Teresa Leónidas

"O espectáculo do grupo EKVAT da Casa de Goa em Lisboa é produto de um trabalho sério de pesquisa das suas raízes seculares, desde executantes, instrumentos musicais, danças e guarda-roupa de uma beleza e riqueza raras, que fazem dele uma aguarela pouco vulgar."

Maria Amélia Araújo Pereira

"A Casa de Goa em Lisboa tem no seu grupo EKVAT um factor de enriquecimento cultural invulgar.

A actuação a que tive o prazer de assistir evidencia, de modo bem claro, um aprofundado estudo folclórico servindo de base a um espectáculo único, qualquer que seja o ponto de vista de observação, servido por executantes apaixonados e de excepção nomeadamente o solista musical."

Luís E. A. Figueiredo

"A Festa da Casa de Goa, na Aula Magna, encantou pela beleza e exotismo dos cantos e danças tradicionais da Índia que foram apresentados e pelo requinte e sedução orientais do seu desempenho, assim como pela graciosidade da explicação dos seus símbolos por algumas jovens "dançarinas". Viveram-se momentos de grande elevação.

O contributo da nossa Associação, com poesia e Fado de Coimbra, também não desmereceu."

Hélia e Eduino de Jesus

OS NOSSOS PASSEIOS

Lá Fora

I - PASSEIO DE VERÃO - ROMÉNIA / BULGÁRIA / MAR NEGRO = ARTE E BELEZA

De 18 a 30 de Julho de 2005

BUCARESTE

Apesar da canícula que se fazia em Lisboa lá fomos mais ou menos frescos para Bucareste, capital da Roménia com paragem em Frankfurt.

A guia local Dr.^a Sandra, economista, no seu castelhano puro cativou-nos com sua simpatia e juventude. Ao longo do percurso para o hotel deu-nos informações sobre a cidade que tem 2 milhões e meio de habitantes. Bucareste (bucurie = alegria) é por excelência "a cidade jardim", "obra de arte ao ar livre" e desde 1930 "a pequena Paris como Goethe disse de Leipzig no séc. XIX influenciado por França. Cognome este também atribuído a Budapeste (Hungria). Por tal, não é por acaso que a língua francesa é a 2ª língua mais falada, depois da materna e o castelhano a 3ª.

Sendo o povo romeno latino, rodeado de eslavos, húngaros, ucranianos, jugoslavos, moldavos e búlgaros, tem mantido com perseverança a sua independência linguística e etnológica.

A antiga Dácia conquistada por Trajano no começo do séc. II "povoada por dácios, getas e celtas, colonizados por romanos, Aureliano abandonou a Dácia aos godos em 271 e seu nome foi dado a duas novas províncias situadas na margem direita do Danúbio".

Povo de cultura e língua latinas, durante seis séculos (IV - X) o país foi invadido por godos, hunos, ávaros, eslavos e tártaros.

A Roménia tem 22 milhões de habitantes, 261km de costa marítima, 500 mil ciganos, fora os que não estão registados. Estes, são oriundos da Índia e encontram-se na Áustria e Hungria. Como comeram cisnes dos lagos austríacos - caça fácil e barata - (e na altura não havia a gripe das aves!) o Governo austríaco proibiu esta comunidade de entrar sem visto.

Sem esquecer a mescla de estilos: bizantino e ocidental, a beleza arquitectónica é mais representativa nos séc. XIX e XX. Museus, Bancos, Palácios, Hospitais, Arco do Triunfo, Casa dos Concertos, Universidade, a estátua do grande músico

compositor e maestro GEORGE ENESCU, Parlamento (que é o maior do mundo depois do Pentágono) fazem de Bucareste uma cidade fresca. Demais, a quilométrica Avenida das Fontes com 41 repuxos bem altos de água balkânica, uma por cada província romena, torna-se cantante, viva, moderna. O actual rei Miguel I vive em Bucareste e é o 1º Ministro.

Em pleno coração da cidade, destaca-se um monumento caro aos romenos:

Rómulo e Remo a serem amamentados pela loba, como diz a lenda.

A Coluna de Trajano, réplica da Praça do Capitólio de Roma, é o marco principal. É a certidão de nascimento da Roménia, fruto da simbiose entre romanos e dácios. As legiões do imperador conquistaram a Dácia (101 - 107 d. C.), antigo país da Europa situado entre os rios Tisza, Danúbio, Ponto Euximo, Dniester e os Cárpatos.

MOGOSOIA

Junto ao lago de Mogosoania ergue-se um palácio enorme e muito bonito.

Desde o séc. XVI até ao séc. XX sofreu mudanças de acordo com os gostos dos seus proprietários nobres e abastados.

Transformado em Centro Nacional da Cultura, encerra uma riqueza artística de pinturas, esculturas, gravuras, tapeçarias, bordados a ouro e prata, livros raros e manuscritos preciosos.



Palácio de Mogosoania

TRANSILVÂNIA (atrás do bosque)

SINAIA

A cidade romântica e moderna, "a pérola dos Cárpatos" com o seu ex-libris: Castelo Peles (1883) (nome do rio), viu nele estreitar-se a 1ª iluminação eléctrica na Europa.

O rei-mecenas Carlos I (1839 - 1914), filho do Príncipe Carlos António de Hohenzollern e de Zosefina de Badem, foi a Jerusalém, ao Monte Sinai, e assim baptizou a cidade onde tinha o seu palácio de Verão da autoria de um arquitecto austríaco, a sua influência germânica é de uma beleza extraordinária: na talha doce, mármore, tapeçarias, cristais, candelabros, etc.

A influência florentina e veneziana nas telas de Tiziano e Candetto são de uma beleza imensurável. Neste palácio-museu, Carlos I, autor da Roménia moderna, "escreveu sua personalidade com muita elegância"¹⁾. Reuniu uma importante colecção de obras de Arte de todas as escolas nesta sua casa e na de Bucareste, hoje Museu Nacional de Arte. Casou em 1869 com a princesa escritora Isabel Wied, que usou o pseudónimo de Carmen Sylva da qual não teve filhos.

Parentes da Casa Real Portuguesa, o Castelo de Peles está para Carlos I o que o Palácio da Pena em Sintra está para o nosso D. Fernando II: uma obra de Arte. É preciso lembrar que nos casamentos régios luso-alemães, assim como em outros, havia um intercâmbio cultural em todas as áreas: Artes, Letras e Ciências.

Os especialistas das disciplinas eram consultados e convidados: uns para virem, outros para irem trabalhar e aperfeiçoarem-se nas suas matérias.

Daí que certos estilos artísticos de várias épocas sejam influenciados de país para país.

BRAN

Durante cinco séculos os romenos resistiram aos turcos. Um dos seus chefes, o herói VLADTEPES, Príncipe da Valáquia (1456-1462; 1476) conhecido por o "Empalador". Mais tarde imortalizado como Drácula, (diabo) o vampiro Conde de Bran das histórias de terror, criadas pelo escritor irlandês Bram Stoker em 1897, inspirando-se nas crónicas medievais. A sua novela ficcional "Drácula" foi considerada por Óscar Wilde "a novela mais formosa de todos os tempos"!... Gostou da fantasia.

Na Transilvânia (atrás do bosque), perto da cidade de Brasov e no Castelo de Bran (séc. XVI), no dia em que fazia 67 anos do seu passamento (21.7.2005), mal sabia a sobrinha da Rainha Alexandrina Victória de Inglaterra, tia dos Reis de Portugal, e neta do Czar da Rússia, que duas mancheias de portugueses iriam visitar "o menino dos olhos" da Rainha Maria da Roménia (Maria de Saxónia Coburgo-Gotha) onde deixou seu coração por testamento.

Ao regressarmos a Bucareste no jantar de despedida fomos surpreendidos pelo grupo de músicos do Restaurante Burevista que tocavam com virtuosidade

violinos e violão a animarem o jantar. No final da refeição, o Dr. Alcindo Costa pediu o violão e, com o seu talento e voz de 1ª água, cantou fados de Coimbra mais o seu "coro privativo" de 45 vozes, na "Balada da Despedida"... Entretanto, "numa furtiva lágrima" rolava na face da guia Sandra, confusa de tanta surpresa.

Para trás deixámos um país rico, atrasado, fértil e fecundo. O país do frio, cruel, calculista e megalómano ditador Nicolae Ceausescu, operário analfabeto e da sua Elena, vendedora de pevides à porta do Metro, que mal se comportaram com tantos milhões de compatriotas, que no dia 25.12.1989 o Procurador-Geral da República em julgamento lhe disse:

"22 milhões de habitantes presos por um homem. Eu te condeno à morte por teres morto a alma do povo!"

BULGÁRIA

Rumámos para Rouse em Arbanassy que em turco quer dizer: atrás-dos-montes.

A guia Dr.^a Nicolina, licenciada em Clássicas e autodidacta em Português, em 1997, aquando da minha 1ª visita à Bulgária, acompanhando um grupo de alunos da Escola Secundária Rainha D. Leonor num intercâmbio de escolas, acompanhou-nos. Senhora de alta cultura muito nos orientou e ensinou, assim bem como desta vez.

O nosso almoço em Rouse com o saboroso vinho búlgaro oferecido por ela foi divinal porque estávamos esfaimados dada a hora da madrugada.

Rouse, a Sexaginta Prista dos romanos, é a 4ª cidade da Bulgária que viu nascer a 1ª linha férrea entre Varna e Rússia em 1869. Grande resistente contra a dominação otomana é um grande centro industrial e cultural sobre o Danúbio.

Desde o Ocidente e o Oriente, entre a lira de Orfeu em Ródope (com 2 895m de altitude), e a austeridade de Rila, a Bulgária "tem sido casa de muitas civilizações": trácios, eslavos, romanos, bizantinos, proto-búlgaros e otomanos.

Os primeiros búlgaros oriundos do Ural estabeleceram-se na margem do Volga onde fundaram comércio próspero. Só na Idade Média é que chegaram ao Danúbio apresentando traços mongólicos.

VELIKO TURNOVO

A 1ª capital da Bulgária foi Pliska. A Este pelo Mar Negro e a Sul pelo Balkan "sobre três colinas em pleno coração da Cordilheira Balkânica, ergue-se a cidade de Veliko Turnovo com o rio Yantra a seus pés. Capital do 2º Reino Búlgaro (1185-1393) os reis aqui governaram do alto da colina de Tzarevetz, uma fortaleza rodeada de grossos muros e torres altas

onde os palácios e a Igreja Patriarcal se destacam como testemunhas silentes da vitória do rei Kaloyan contra os Cavaleiros da Quarta Cruzada de 1205".1) Daquele belvedere monte de Tzarevetz e da Igreja Memorial, desfrutámos a bela panorâmica de toda a cidade e povoações limítrofes.

A 4 km desta cidade fica Arbanassy que em 1538 o Sultão Soliman II ofereceu a seu genro Rusten Pashd. Ao tomar posse da vila, este aboliu os impostos aos seus habitantes o que a fez prosperar nos sécs. XVII e XVIII da muita riqueza da terra como: carnes, enchidos, peles, artesanato e outros produtos.

Destaca-se a igreja da Natividade (séc. XVII). A jóia da pintura renascentista búlgara contém 3 500 frescos e imagens do Antigo e Novo Testamento com arte e talento.

VARNA

A "rainha do Mar Negro", pérola do litoral búlgaro, é a Bulgária profunda. Milhares de anos a.C., tribos de Sérvios, Trácios, Eslavos, Gregos, Romanos, Turcos, Odessos e outras, povoaram o território balcânico. Os vestígios pré-históricos, paleolíticos e neolíticos com uma necrópole 4 000 a.C., tem no seu Museu Arqueológico a sua certidão de nascimento e bilhete de identidade. Com suas termas romanas, Varna é um centro industrial, cultural, universitário e turístico.

Ficámos hospedados em Albena no Hotel Dobrudja (rio) espécie de INATEL à portuguesa com algumas deficiências de organização e instalações. Na costa do Mar Negro e com o calor que se fazia, a abarrotar de gente de muitas línguas, convidou-nos a um mergulho.

À noite, a animação é levada ao extremo para turistas. Muita música, cheiros e sabores dos restaurantes colados uns aos outros. Tendas com todas as variedades de objectos para todos os gostos. Todavia, houve uma surpresa inédita: uma praga de baratas voadoras. Atraídas pela luz das lojas, eram nuvens que aterravam nos nossos cabelos, fatos, atrevida e descaradamente trepavam pelas nossas pernas, etc., etc.

Eu e algumas companhias parámos na loja de sapatos. Gostei de uns muito frescos e, quando me preparava para os experimentar, as baratas não me largavam. Mata aqui, mata ali, mata acolá e... dei comigo a dançar "la cucaracha", até que saí com sapatos novos e frescos... Incómodo de *vacaciones!*

CRUZEIRO NO MAR NEGRO

Nessebar

A viagem ao redor do Golfo de Varna, no Mar Negro durante largas horas foi uma delícia. Calmaria, frescura marítima que tanto desejávamos, desfrutámos a paisagem e saboreámos a ementa: cavala assada,

carapaus fritos, batata e salada de legumes (para desenjoar das carnes dos hotéis) precedida de um aperitivo típico da Bulgária: menta com anis que faz bem ao estômago. Para a digestão do lauto almoço houve fados de Coimbra, modinhas brasileiras e canções portuguesas que deixaram os músicos e tripulantes do barco de boca aberta, mas ajudando à festa, sempre acompanhados pela voz bem timbrada do Dr. Alcindo Costa.

Aportámos em Nessebar, cidade-museu na península rochosa e istmo estreito. A única colónia dória do Mar Negro que tem uma arquitectura muito própria: ladrilhos, pedra decorada com mosaicos cerâmicos policromos, frescos, com 41 igrejas que competiam uma com as outras.

O murmúrio das ondas, o chilrear das gaivotas e a brisa do mar, fazem deste recanto um encanto com a multidão de turistas de toda a parte do mundo.

PLOVDIV - A CIDADE ETERNA SOBRE AS COLINAS DA ROMÉLIA ORIENTAL

A Trimontium, principal cidade da Trácia, situada no alto de 3 colinas tem uma riqueza arqueológica e arquitectónica ímpares. Das épocas romanas tem o Fórum, Teatro, Estádio e a Porta da Fortaleza. Ainda hoje, nas noites quentes de Verão são representados ao ar livre muitos espectáculos de várias modalidades.

As janelas balconadas dos prédios com vidraças altas, são ricamente decoradas assim como os interiores de talha de madeira e frisos esculpidos mais os frescos nos tetos e paredes. É linda a casa de Lamartine.

Quem visitar Plovdiv (Trimontium) cidade romântica desde o séc. XVII, terá sempre vontade de voltar a vê-la.

RILA

O maior centro espiritual desde o séc. X com o eremita S. João, protector de Rila. Lugar de oração o actual Mosteiro de Rila data do séc. XIV restaurado pela população desde 1834-1847 é do "Renascimento búlgaro a sua traça".2)

Rila quer dizer: muita água, porque fica entalada nas montanhas nevadas da Macedónia búlgara. Cidade alpina de cegonhas e tabaco, fica a 2 955m de altitude.

A riqueza neste Mosteiro é inestimável. Pinturas, esculturas em talha doce, ícones, alfaias religiosas de ouro, prata, bronze, pedras preciosas, etc. O Califa Moamed II que se apoderou de Constantinopla em 1453, ofereceu ícones de muito valor e protegeu os cristãos porque sua mãe era cristã.

Ivan "O Terrível" fez donativos generosos. João Paulo II também ofereceu um ícone de N.ª Sr.ª.

Neste mosteiro residem os restos mortais do rei Boris III pai do actual 1º Ministro rei Simião II.

SÓFIA

A capital da Bulgária data desde 3 de Abril de 1879, a sua fundação com 13 séculos. Mais velha que Portugal.

O castanheiro é a árvore que dá sombra nas ruas depois de 5 séculos de dominação otomana.

A catedral de Alexandre Nevsky (neve) príncipe e soldado do séc. XIII, é o grande símbolo do Cristianismo ortodoxo.

Nascida no séc. XIX é de uma beleza e arte raras. É a maior da Bulgária. Ainda guarda o trono de mármore de Fernando Saxe-Coburgo-Gotha (parente do nosso D. Fernando II marido de D. Maria II), o maior dos países balkans. Com a guerra russo-turca em 1878 os turcos tiveram de abandonar a Bulgária. Muitas famílias ficaram separadas, muitas tragédias, muitas vidas divididas.

A História da Bulgária, com 9 milhões de habitantes, é de um destino difícil e dramático. Tendo um mundo espiritual muito rico, é acompanhado pela beleza da Arte Popular em muitas áreas: Artes Decorativas, Música, Folklore, Gastronomia picante regada por azeite, vinhos aromáticos, licores e compotas de pétalas de rosa damascena. O Festival da Rosa tem lugar nos finais de Maio, principalmente no "Vale das Rosas" nas cidades de Karlovo e Kazanlak.

Em toda a Bulgária a Páscoa é a maior festa religiosa católica e ortodoxa, cheia de cerimónias religiosas e

de mística. Os Cristãos reúnem-se à volta das igrejas e esperam pela meia-noite para ouvirem o anúncio da Ressurreição de Jesus, o Cristo, levando para casa uma candeia acesa à qual juntaram as suas orações.

À tarde fomos à Galeria de Arte Estrangeira assistir ao Concerto de Vozes Cósmicas dirigido com arte e talento pela maestrina Vania Moneva. São 14 caras bonitas e vozes divinas que cantam "à capela" cânticos búlgaros ortodoxos, canções do seu folklore trajadas regionalmente a rigor.

No final tivemos uma emocionante surpresa: cantaram o nosso Hino Nacional! Num ímpeto, erguemo-nos e fizemos coro com elas.

Mais "uma furtiva lágrima" nos rolou. Durante 43 dias, aquelas belas vozes decoraram e afirmaram 25 Hinos, um por cada Estado membro da U. E.

Afinal, somos uma grande Família Humana a habitar a Casa Terra-Mãe!

Mesmo no corre-corre do costume em passeios como este, lá estava o "cineasta" Dr. Aurélio Ribeiro a filmar-nos registando todos os percursos. Ao serão, deleitava-nos exibindo a sua produção.

Ao menos, uma vez na vida sentimo-nos estrelas VIPs... e que vedetas!

Chegados a Lisboa, pegajosos, suados, esbodegados de calor ansiando uma brisa oceânica, mais fresca, ... tudo ainda em balkânico. Estava mais quente do que em Sófia que às 10h00 da manhã já tinha 33º!... Mas trazíamos a alma plena de coisas lindas e belas que os nossos olhos talvez não voltem a ver! Obrigado Destino!

Maria de Lourdes Amorim



Galeria de Arte Estrangeira

Cá Dentro

I - PASSEIO DO OUTONO - DA SERRA ALGARVIA AO MAR ALENTEJANO

30 de Setembro a 2 de Outubro de 2005

Desta feita, a digressão outonal compreendeu três dias (de 30 de Setembro a 2 de Outubro) cheios de sol que permitiram aos 90 participantes apreciar as belezas naturais da Serra de Monchique, todo o sistema montanhoso Mariano, do alto da Fóia, a sempre imponente Ponta de Sagres, com a sua histórica Rosa dos Ventos e toda a costa alentejana, que convidava a usufruir das suas belas praias (se para tal houvesse tempo...).

Assentámos arraiais nas Caldas de Monchique, em quatro unidades hoteleiras muito acolhedoras, saboreando no antigo Casino jantares com pratos típicos e preenchendo os dois serões com a prata da casa: o "Grupo de Expressão Teatral" representou a peça "Todo o Mundo e Ninguém" e disse poesia, com o aplauso geral.



No Sarau

Superando os momentos de convívio e lazer, a componente cultural foi intensa e variada, graças, como sempre, à colaboração das Câmaras Municipais envolvidas no percurso: a de Ourique e de Silves, que disponibilizaram guias competentes e documentação sobre os vários locais e monumentos visitados e facultaram a entrada em museus.

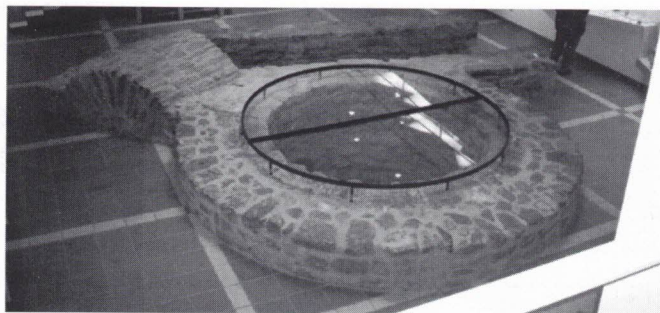
Começámos por fazer o percurso arqueológico de **Castro da Cola**, pouco conhecido, mas de relevo histórico, integrando uma curiosa Capela de Nossa Senhora da Cola, que é figurada em duas imagens, uma "a senhora Coroada" e outra para sair em procissão, toda coberta de fitas de várias cores (a lembrar a nossa Queima...), a maior devoção da população local, que lhe chama "a criada".

Em Silves, tivemos a alegria de ser guiados por uma jovem, também ela antiga estudante de Coimbra!,



Em Castro Cola Nossa Senhora da Cola (a criada)

que nos mostrou o Castelo de **Silves**, onde corremos as ameias; a Sé (iniciada no séc. XIII e mais tarde remodelada no estilo gótico bizantino); um Museu Arqueológico construído à volta de uma cisterna árabe e admirável em organização e exposição; as ruelas mais representativas da ocupação árabe; o "Cruzeiro de Portugal", quinhentista, de calcário rendilhado, com 3m de altura e duas faces, uma de Jesus crucificado e a outra com a descida da Cruz; e, finalmente, uma praça moderna, dedicada a um antigo governador árabe, também poeta, e recheada de estátuas monumentais, a lembrar o estilo "Cutileiro", da autoria de um artista local.



O Museu de Silves - a cisterna



As estátuas

No último dia, percorremos **Zambujeira do Mar, Odemira, Sines**, em visitas panorâmicas, até à "**Herdade da Badoca**", em Vila Nova de S.^{to} André, onde, após um típico almoço "Safari", conhecemos esta reserva animal, num comboio típico, com sucessivas explicações dos guias, e apreciamos uma exposição de 93 espécies de aves e outros animais, a "Badoca 2005".

Tivemos ainda a comemoração do aniversário da Graça Osório, toda comovida, como se nota: Foi, sem dúvida, um passeio alegre, variado, com todos os ingredientes de lazer, convívio e cultura (também gastronómica), abençoados por aquele S. Pedro Coimbra já nosso Sócio honorário!!!



A Aniversariante



Junto ao castelo

Maria de Fátima Lencastre

VISITAS LOCAIS

- I - AO PALÁCIO NACIONAL DA AJUDA,
19 DE SETEMBRO DE 2005
- II - AO MUSEU DR. ANASTÁCIO GONÇALVES,
12 DE OUTUBRO DE 2005
- III - AO MUSEU DE ARTE ANTIGA,
22 DE NOVEMBRO DE 2005

Iniciadas em Março de 2004, estas visitas, sempre guiadas pelos Conservadores e por técnicos superiores dos Museus, continuam a agradar aos Colegas que, em número crescente, nos dão o grato prazer da sua calorosa adesão. Para que alguns recordem e outros se entusiasmem e se juntem a nós, fica um breve apontamento das visitas feitas após as férias.

Em Setembro, no **Palácio Nacional da Ajuda** acompanhámos a vida quotidiana do Rei D. Luís e sua Família, ao longo de uma detalhada e extensa visita, que nos deu a conhecer não só o Palácio e suas obras de arte, como também a personalidade dos seus Régios habitantes.

A **Casa Museu Dr. Anastácio Gonçalves** (incluindo a **Exposição temporária do Pintor João Vaz**), foi o nosso destino em Outubro.

A casa, antigo atelier de Malhoa, com as notáveis colecções de pintura, mobiliário e principalmente porcelana, foi-nos apresentada com um detalhe que só o muito saber do guia tornou possível. Seguiu-se a visita à exposição do Pintor João Vaz, que acabou por se transformar numa extraordinária lição de pintura naturalista.

De referir ainda que o nosso guia, o Dr. José António Proença, ilustre Conservador do Museu, é um antigo estudante de Coimbra (talvez venha a ser nosso associado... precisamos de Sócios jovens e talentosos!). Para Novembro programámos o **Museu Nacional de Arte Antiga**. Do imenso acervo do Museu havia que seleccionar o que iríamos ver, e assim, "As 10 melhores peças do Museu" foram explicadas em pormenor, numa viagem pelo tempo e pela arte, muito gratificante para todos.

Como é hábito, em Dezembro não houve qualquer visita.

Se ainda não nos acompanhaste, não hesites, inscreve-te. O programa para 2006 é aliciante!

Maria Claudina Castel-Branco

CONVERSAS MENSAIS

2º Semestre de 2005

73ª Conversa - (21 de Setembro) - "*Silves, a Cidade mais Importante do Andaluz*" por Olga Reis.

Sendo Silves um dos principais locais a visitar na programada viagem de Outono, ao interior sudoeste do Algarve, logo se prontificou a falar-nos da sua história a Maria Olga, para quem a História de Portugal e seus lugares têm poucos segredos, e se os acha, logo os investiga. Assim, abreviando o muito que ela nos disse: lembrou-nos que o Andaluz, designava a parte sul dos reinos dos muçulmanos na Península, sendo Silves a sua mais importante cidade. Silves tinha não só um solo fértil pela proximidade do rio Arade, mas era também rico em vários minérios. O rio também era navegável até à sua foz. Por essas razões foi cobiçado e ocupado pelos árabes e anteriormente por outros povos. Há vestígios de ocupações nos períodos paleolítico e neolítico. Peças dessas épocas estão hoje expostas em Museus. A estas seguiram-se as dos fenícios, gregos e romanos. Os árabes que conquistaram Silves e que aí se estabeleceram nas primeiras décadas do séc. VIII, eram de um modo geral cultos, mouros de elite, por assim dizer. Trouxeram consigo poetas, filósofos e letrados. Vinham de famílias do Califado de Damasco.

No Andaluz, começaram a formar-se Califados independentes, sendo o primeiro o de Huelva e seguindo-se-lhe o de Silves. Silves teve períodos de grande esplendor entre os quais podemos citar o do Califado de Al-Mohtâmide, poeta e jovem, que auxiliado por Ibne Anmar, conseguiu unificar todo o Algarve árabe, conquistando o outro Principado algarvio - Santa Maria de Faro. Este Califado manteve sempre um bom relacionamento com os cristãos, não sucedendo o mesmo, quando os almorávidas, vindos do Norte de África, invadiram e tomaram o território.

Afonso Henriques não chegou ao Algarve. Só Sancho I o conseguiu em 1189 com o auxílio dos Cruzados, tomando a cidade de Silves pela 1ª vez. Expulsos os árabes, Sancho I tratou de povoar Silves com mais cristãos, mas alguns anos depois, Silves, torna a cair de novo nas mãos dos almorávidas vindos de Arzila.

Só no reinado de D. Afonso III, Paio Peres Correia, Grão Mestre de Santiago a reconquista definitivamente em 1242. Teve que ser reconstruída, pois tinha sido arrasada. Com o assoreamento do rio Arade e a deslocação da Diocese para Faro, Silves começa a decair. O seu castelo de bela arquitectura militar almorávida só no séc. XX é reconstruído.

Toda a cidade, mormente os seus monumentos, foram construídos com a pedra local característica - o chamado grés de Silves, de tom avermelhado.

Foram referidos ainda a velha Sé, o cruzeiro quinhentista conhecido por "Cruz de Portugal", situado à entrada da cidade, a igreja da Misericórdia com a sua porta de Estilo Manuelino, etc.

Maria Olga referiu-se a seguir a toda a região a visitar destacando: Aljezur, Vila do Bispo, Monchique, Caldas de Monchique, de águas afamadas pelas suas virtudes na cura de reumatismos e bronquites e conhecidas desde tempos remotos, Fóia e o Castro da Cola ou Santuário de Nossa Senhora da Cola.

A zona de Monchique é rica em espécies únicas e raríssimas de flora, em rochas graníticas, piotites ou "monchiquitos" como lhe chamam. Na fauna abundam, entre outros animais, a águia e a lontra.

Fóia é o ponto mais alto do Algarve e o seu melhor miradouro. A paisagem que daí se desfruta é admirável. Aí se situam várias e enormes antenas de Telecomunicações e postos de controlo dos portos marítimos nacionais e mediterrânicos, para o que foi aí instalado um Observatório em colaboração com a NATO, para vigilância da Costa Mediterrânica e Algarvia.

Terminada a palestra muito bem ilustrada com diapositivos, a Maria Olga foi, como sempre, muito aplaudida.

74ª Conversa - (12 de Outubro) - "*O 2º Centenário da Morte de Bocage*" por Eduíno de Jesus.

Ninguém melhor do que um poeta para falar de outro poeta. Assim Eduíno de Jesus, naquele seu estilo pessoal que a sabedoria e cultura imprime a quem as cultiva, fez em primeiro lugar, uma rezenha dos movimentos históricos, filosóficos e literários, que caracterizaram a época em que Bocage viveu e dos quais sofreu a influência.

Referiu-se pois ao Iluminismo, à Enciclopédia, súpula do pensamento científico e das doutrinas filosóficas que revolucionaram a França e a Europa do séc. XVIII, e em que avultam os nomes de d'Alembert, Diderot, Montesquieu, Voltaire, Rousseau, etc., ao Liberalismo que se opunha à autoridade da Realeza e da Igreja, ao Neo-Classicismo, surgindo saudoso das correntes antigas dos artistas e escritores clássicos, e do Romantismo, caracterizado pelo predomínio da sensibilidade e imaginação sobre a razão, expresso num lirismo que atingiria no séc. XIX o seu auge nos românticos portugueses.

Fez seguidamente um sumário da vida de Bocage, de seu nome completo Manuel Maria Barbosa du Bocage, nascido em Setúbal a 15 de Setembro de 1765. Morreu a 21 de Dezembro de 1805.

De espírito irrequieto e aventureiro, cedo se libertou da autoridade familiar, passando, já em Lisboa a ser conhecido pela sua vida boémia. Frequentador assíduo de tabernas e cafés, desbaratou o seu real talento numa vida desregrada, cheia de episódios burlescos e dramáticos, compondo sátiras e versos eróticos de baixo nível. Foi preso por Pina Manique,

acusado de escritos ímpios e libertinos, de louvores entusiastas à Liberdade e à Revolução Francesa.

Tinha, por assim dizer, necessidade de auditórios inflamados e excitáveis, onde satirizava tudo e todos, inclusive as reuniões da Arcádia a que pertencia e na qual tinha adoptado o nome literário de Elmano Sadino.

Possuidor de um génio indiscutível, a par das suas rimas e sátiras de menor qualidade, fez versos admiráveis, de uma profundidade de pensamento notável.

Os seus amores exaltados e dramáticos, inspiraram-lhe versos cheios de beleza e lirismo, anunciadores dum romantismo puro e límpido.

Já doente, reconhece os erros cometidos ao longo da sua vida e brinda-nos com poemas de rara sensibilidade e sublime inspiração.

Cedo sucumbiu a uma morte prematura. Tinha apenas 40 anos.

Eduíno de Jesus analisou alguns dos seus melhores poemas neo-clássicos e pré-românticos, ilustrando-os com a leitura feita pelas "declamadoras" Fátima Lencastre, Hélia Moniz, Manuela Graça e Ivete Ventura.

E assim foi prestada uma justa e bela homenagem nas "Conversas" a um grande poeta, muitas vezes esquecido, outras apenas lembrado pelos seus versos mais picarescos.

75ª Conversa - (16 de Novembro) - "*Do 1º Jornal Português e Livreiros de Lisboa no Séc. XVIII*" por Isabel Martins Alexandre.

Depois de tecer algumas considerações sobre a sua presença como autora nesta "Conversa" e explicar a razão do tema escolhido, falou do que é considerado o 1º Jornal português: a Gazeta de Lisboa cuja publicação se inicia em 10 de Agosto de 1715 e que apresenta desde logo todas as características de um jornal: periodicidade, qualidade do papel, indicação do local e oficina onde era impresso, data e número, indicação do redactor principal, noticiário adequado, etc.

A sua publicação teve logo privilégio real e foi impresso em várias oficinas, até passar a sê-lo exclusivamente, na Régia Oficina Tipográfica (antecessora da Imprensa Nacional), criada por Alvará de D. José I em 1768. Entre os seus redactores principais, eleitos pelos oficiais da Secretaria dos Negócios Estrangeiros e da Guerra, citam-se nomes notáveis da Cultura Portuguesa: José Freire Montarroyo Mascarenhas, Pedro A. Correia Garção, Avelar Brotero, José Agostinho de Macedo, Pedro Lagarde, Francisco Soares Franco, e outros.

De periodicidade semanal, a Gazeta era essencialmente um jornal noticioso, mais prolixo quanto a acontecimentos e novas vindas do estrangeiro do que em relação a Portugal, sobretudo no campo político. Em relação ao nosso país, as notícias eram, vulgarmente, sobre a família real e demais nobreza,

festas religiosas e da Corte, movimento de portos e navios, naufrágios, catástrofes naturais, câmbios, etc. Nela também eram noticiados, em destacado, os despachos de provimentos militares, nomeação para cargos públicos, ordens publicadas pelos governantes, posturas legislativas ou os seus resumos.

A isto se deve, naturalmente, ser a Gazeta de Lisboa considerada com o directo antecessor do Diário do Governo, hoje Diário da República.

A Gazeta subsistiu com este título até 24 de Julho de 1833, embora com algumas alterações de título de somenos importância durante o séc. XVIII. Já no séc. XIX, passa a Diário do Governo em Setembro de 1820, retomando a designação de Gazeta de Lisboa em 1823 até perder definitivamente esse título em Julho de 1833, como já dissemos. A partir dessa data, intitula-se sucessivamente Crónica Constitucional de Lisboa, Gazeta Oficial do Governo, Gazeta do Governo, Diário do Governo em 1 de Janeiro de 1835, após 25 de Abril de 1974 passa a designar-se Diário da República.

Falou seguidamente dos livreiros, impressores e mercadores de livros e quaisquer outros que se dedicassem ao seu comércio e divulgação.

A designação de livreiro era, na época, indistintamente aplicada a mercadores de livros, impressores e encadernadores, pois era vulgar serem estas funções acumuladas pela mesma pessoa.

Apesar de a sua actividade ser considerada entre a dos ofícios mecânicos, formassem Confraria cuja padroeira era S.ta Catarina e tivessem representação na Casa dos Vinte e Quatro, nunca estiveram sujeitos com muito rigor às "bandeiras" e "arruamentos" estabelecidos já em 1391 por D. João, então Regedor e Defensor do Reino.

A localização das suas tendas e lojas ou "logeas" não se circunscrevia aos sítios habituais - Rua Nova, Santa Catarina, Arco da Graça, etc. mas encontravam-se em vários sítios da cidade. Mas não só os livreiros vendiam livros, pois, isso fazia-se nas portarias dos Conventos, Colégios, Congregações, nas Igrejas, na residência dos próprios autores e nos locais onde os livreiros estrangeiros - espanhóis, franceses e italianos se estabeleciam quando vinham, com regularidade, a Lisboa, vender os seus livros.

Alguns tinham-se fixado mesmo em Portugal, atraídos pela indústria do livro e a proximidade das Universidades, deixando nome conhecido e perdurável tais como Bertrand, Aillaud, Chardron, Deslandes, Craesbeck e outros.

E regressando ainda aos jornais, chamou a atenção para a importância e riqueza informativa da pequena notícia, dos anúncios, dos avisos inseridos nos jornais, como fonte histórico-económica e social. Através da sua leitura, podemos situar-nos melhor nos locais, apreender a vivência do dia a dia da sua população e compreender com maior precisão a própria evolução da vida ou da cidade, quer sob o ponto de vista social, económico e urbanístico.

Isto é extremamente evidente não só no jornal escolhido "A Gazeta de Lisboa", que se publicou por todo o séc. XVIII, durante o qual o terramoto de 1755, imprimiu nova fisionomia e novos hábitos à cidade, como em alguns jornais do séc. XIX e do início do séc. XX. E deu como exemplo: só através da leitura desses anúncios poderemos verificar quando deixaram de aparecer mencionadas determinadas profissões e serviços como apagador de luzes, brunideiras, mestre-escola de meninos, amas de leite, moços de fretes, etc., etc.

76ª Conversa - (14 de Dezembro) - "*Fernão de Magalhães e a Terra do Fogo*" por Hélder Rodrigues.

Aproximando-se a data da viagem à Terra do Fogo, necessário se tornava encontrar alguém que dissesse alguma coisa sobre estas paragens. Logo Hélder Rodrigues, sempre disponível e colaborante, se prontificou a fazê-lo, escolhendo a figura de Fernão de Magalhães, cujo nome ficou para sempre ligado àquelas terras. E passo a resumir as suas palavras: Fernão de Magalhães nasceu talvez em 1480, data não ainda definitivamente confirmada, sendo também o seu lugar de nascimento em Trás-os-Montes susceptível de dúvidas. A maioria dos seus biógrafos refere-o em Sabrosa.

De ascendência nobre, vem para a Corte em Lisboa, como pajem da Rainha D. Leonor. Passa mais tarde a escudeiro de D. Manuel. Com vinte e poucos anos parte na Armada de D. Francisco de Almeida para a Índia, onde a sua coragem e determinação se evidenciaram em numerosas batalhas em Sofala, Malaca, Goa, Ilhas Molucas, etc. Regressado a Lisboa, alistou-se na expedição destinada à conquista de Azamor.

Acabada a expedição vai pedir a D. Manuel a recompensa a que se julgava com direito pelos serviços prestados na Índia e em Marrocos, o que lhe é negado.

Começa então a sonhar atingir as Molucas pelo Ocidente, iniciando o estudo dessa viagem, consultando mapas, pilotos e cartógrafos, e vai de novo falar a D. Manuel.

Descontente perante a segunda recusa do Rei em o atender nas suas pretensões, resolve ir oferecer os seus serviços ao rei de Castela Carlos I, a quem expõe os grandes benefícios que o projecto traria a Castela, não se esquecendo de referir que as ilhas Molucas estavam fora do hemisfério português acordado pelo Tratado de Tordezilhas.

Carlos I acedeu e autorizou-o a partir, confiando-lhe uma frota de 5 caravelas.

Fernão de Magalhães e Rui Faleiro foram nomeados capitães da armada e comendadores de Santiago, com um bom soldo anual, sendo Fernão de Magalhães investido com poderes ilimitados sobre a frota.

Levaram 234 homens distribuídos pelos 5 barcos.

Depois de algumas vicissitudes e protestos de pilotos e mareantes que não viam com bons olhos ser atribuído a portugueses o comando da armada, lá partiram em Setembro de 1519 em direcção às Canárias. Fernão de Magalhães comandava como capitão General a caravela "Trinidad".

Antes porém da partida, F. de Magalhães foi contactado, no intuito de o persuadirem a entender-se de novo com D. Manuel, o que recusou, dizendo que já tinha dado a sua palavra a Carlos I e que nunca a trairia.

A viagem foi acidentada e dura com tempestades e revolta das tripulações. Teve mesmo que castigar dois capitães espanhóis. João de Cartagena, que comandava a caravela "San António" e Gaspar de Quezada, capitão da "Concepcion". Quezada foi condenado à morte e executado e Cartagena foi abandonado numa praia deserta. Não lhes faltaram tempestades, costas abruptas, barcos perdidos, fomes, doenças, etc.

Chegados ao Rio de Janeiro, F. de Magalhães compreendeu que a passagem seria para Sul do Continente Americano. Seguindo sempre a costa, chegaram em Novembro de 1520 a um grande lago que resolveu explorar. Tinha já perdido a nau "Santiago" e a "San António" perante as dificuldades existentes e o receio de explorar o lago, revoltou-se e desertou.

Após 38 dias de navegação tormentosa pelas estreitas gargantas e labirínticos canais, saía a armada desse estreito para um Oceano, nunca antes navegado, muito mais tranquilo do que o Atlântico, pelo que F. de Magalhães logo o baptizou de Pacífico.

Estava descoberta a passagem inter-oceânica a que ficou ligado o seu nome - Estreito de Magalhães. A frota reduzida a 3 caravelas e sofrendo enormes privações aportou a ilhas, hoje chamadas Marianas e mais tarde a um arquipélago, hoje conhecido por Filipinas. E foi aí a 27 de Abril de 1521, na ilha de Mactan que o grande navegador encontrou a morte numa rixa com os indígenas.

O seu piloto Elcano, conseguiu regressar à Europa, depois de passar o Cabo da Boa Esperança, com a única caravela que restava - a "Vitória".

Estava assim realizada a primeira viagem de circum-navegação que se efectuou no Globo e cuja glória pertence a um valoroso e intrépido português - Fernão de Magalhães.

O Estreito de seu nome de paisagem deslumbrante e inédita é ladeado a Sul por cordilheiras de gelo e fiordes notáveis, onde a luz do sol raramente surge e com florestas verdejantes do lado Norte. É impressionante a sua estranha beleza.

Hoje o arquipélago Terra do Fogo, situado na parte mais meridional da América do Sul e separado do Continente Americano pelo Estreito de Magalhães, pertence a Oriente à República Argentina e a parte Ocidental à República do Chile.

Isabel Alexandre

A VOZ DA FILANTRÓPICA

Temos vindo a desempenhar as nossas tarefas habituais. Para além disso, realizámos um "Almoço Outonal" com que quisemos marcar o início do nosso período de trabalho post-férias, e que teve lugar na Pastelaria S. João, cujo novo salão de festas fomos inaugurar.

A ementa cuidadosíssima foi devidamente apreciada pelos 61 Sócios que compareceram e alguns dos quais manifestaram o desejo de que escolhêssemos o local para futuros convívios. No segundo Semestre do ano de 2005 apenas se realizou o Almoço de Natal.

Foi realizado no IASFA e decorreu com muito entusiasmo e com a presença de 104 pessoas, entre Colegas e Convidados. Para além do Grupo de Fados "Porta Férrea", actuou o Grupo Coral Ad-Hoc e houve a representação pelo Grupo de Teatro da Associação com a apresentação de um auto de Gil Vicente. As pessoas manifestaram-se ajudados pelo almoço em si, e também pelo ambiente de convívio. Durante o almoço procedeu-se à venda de rifas para a aquisição do tradicional Cabaz de Natal.

As actividades normais da Filantrópica foram afectadas pela prolongada doença da nossa Colega Olga, que é a sua Coordenadora e que tanta falta se tem sentido. A sua disponibilidade, competência e entusiasmo são indispensáveis à dinamização da Filantrópica. Daqui fazemos ardentes votos para o seu pronto e rápido restabelecimento.

Aproveitando esta oportunidade para apelarmos aos nossos Colegas no sentido de nas futuras festas de convívio não se esquecerem de efectuar as prévias inscrições. A sua falta dificulta muito os compromissos que têm de ser assumidos com as entidades que asseguram as infraestruturas dos encontros, inclusivamente na definição dos preços a estabelecer.

O NOSSO COFRE

A redução de actividades refere-se na situação financeira que se mantém quase inalterada.

Desta forma os saldos em finais de Dezembro eram os seguintes, expresso em Euros:

Depósito à ordem -----	2 044,46
Depósito a prazo -----	2 726,94
Numerário -----	46,21
Total -----	4 817,61

António Braz dos Santos

NOVOS SÓCIOS ADMITIDOS...

...em 2005 (de Julho até Dezembro...) foram:

Cor. Godofredo José Fonseca Quaresma, Sócio 1206;

Dr. João de Oliveira Dias Lamas, Sócio 1207;

Eng. Germano dos Santos Alves, Sócio 1208;

Dr. José António Mesquita, Sócio 1209;

Dr. Henrique Vilhena Pereira da Silva, Sócio 1210;

Dr.^a Maria Raquel Garcia Pessoa Lopes, Sócio 1211;

Eng. Carlos Manuel Paquim da Costa, Sócio 1212.

e

Dr.^a Maria do Carmo Fernandes da Silva Cavalheiro
Morais Martins, Sócio 1213;

IN MEMORIAM...

Deixaram-nos...

... no segundo Semestre de 2005, deixaram-nos:

✦ Dr. Francisco de Assis Santos Carvalho,
Sócio 245 - em Julho;

✦ General João de Deus Mendes Quintela,
Sócio 75 - em 20 de Julho;

✦ Dr. José da Silva Medeiros Marques, Sócio 360
- em 20 de Julho;

✦ Dr. Lino José Carvalho Ribeiro dos Santos,
Sócio 665 - em 21 de Julho;

✦ Dr.^a Maria Angelina de Menezes Conde Rodo,
Sócio 1093 - em 26 de Julho;

✦ Dr. José Joaquim da Fonseca, Sócio 1141
- em 25 de Outubro;

✦ Dr. José Vasco de Lima de Almeida Cardim,
Sócio 765 - em 28 de Outubro;

✦ Dr. Ataíde Braúlio Monteiro Portugal, Sócio 384
- em 23 de Novembro;

✦ Dr. José Luís de Oliveira Perú, Sócio 17
- em 1 de Dezembro;

✦ Dr. José Dias dos Santos Pais, Sócio 177
- em 5 de Dezembro e

✦ Dr. Francisco Rosa da Costa Raposo, Sócio 276
- em 24 Dezembro.

Que descansem em Paz.

IN ILLO TEMPORE

A TUNA NO JAPÃO

A esta distância, a *EXPO'70* no Japão parece ainda mais mágica. Concentrou-se aí, antes de explodir, a nível global, o boom da informática, nomeadamente na robótica, que hoje invade todos os recantos e actividades. Como os outros poucos portugueses privilegiados que aí estiveram, eu conservo religiosamente uma colecção de postais dessa famosa *EXPO*, além das fotografias tiradas com uma nova máquina comprada em Tóquio a preço de turista: uma Yashica electro 35. Grande companheira, que conservo 'reliquiosamente!' Se estava luz a mais acendia a luzinha vermelha; se estava luz a menos acendia a luzinha laranja... Mas vejamos algumas notas breves, ao sabor da memória com 36 anos, sobre essa viagem ao Japão:

A TUNA era muito convidada para viagens ao estrangeiro. Com o espectáculo musical de cerca de 40 elementos, apresentava a ORQUESTRA DE TANGOS, o GRUPO DE FADOS e uma parte de entretenimento sortido (e muitas vezes improvisado), de que saliento uma rábula da Barca do Inferno Gil Vicente e outra de Inês de Castro (ainda recentemente representada na Tomada da Bastilha). Recordo a malandrice do Diabo na Barca do Inferno que, perante a tentativa de entrada na barca de um homossexual em pijama, a gritar que o queriam matar, exclamava, a correr, num Coliseu de Lisboa à cunha:

*Minha vida é um Calvário!
Eu só homem ou mulher
Posso deixar embarcar!
Nada de intermediário!*

E o príncipe Pedro, ao encontrar a amada Inês morta, exclama, incrédulo e prático:

*Inês! Minha amada Inês!
Isso é sério ou brincadeira?
Isso é morte ou bebedeira!?*

(E uma vez, o malgrado e gordinho Zé Carlos Travassos Cortês estava mesmo a actuar travestido de Inês com a barba por disfarçar e uma grande bebedeira...)

Estivemos algumas vezes em Bruxelas (ainda não havia CEE) e o Conjunto de Câmara *CARLOS SEIXAS* (criado pelo maestro Tobias Cardoso no âmbito da TUNA) foi convidado a participar no famoso certame musical juvenil de NEERPELT, na Bélgica, perto de Eindoven. Entre mais de uma centena de grupos europeus concorrentes, ganhámos o 1º prémio na nossa classe, com menção especial do Júri, o que nos deu uma projecção internacional extraordinária, logo associada (e reforçada) ao romantismo das nossas vestes académicas.

Fundamentalmente, nós tocávamos música de cravo com plectro, isto é, com instrumentos de palheta: bandolins, bândolas, bandoloncelo, viola baixo. Os limites de sonoridade do cravo desapareciam na magia de instrumentos 'de tuna', humildes mas eficientes pois tornavam as peças brilhantes. Muitas pessoas pediam-nos cassetes, pois sabiam que estava ali uma originalíssima forma de reabilitar músicas do pó dos arquivos através de instrumentos populares e aparentemente singelos.

Aproximando-se a *EXPO'70*, em Osaka, a malta andava em pulgas para ver quem surripiaria aos 'bosses' uns subsídios para a Grande Viagem. O primeiro obstáculo era o número elevado de bilhetes de avião para a Tuna completa; por isso, só podia ir o conjunto *CARLOS SEIXAS* (o famoso Xexas!) com 9 elementos.

Quem financiou fundamentalmente a viagem foi a *Cruz Vermelha Internacional*, a troco das receitas com os nossos espectáculos nos palcos de teatros, rádios, televisões...

De Lisboa seguimos por Bruxelas até Atenas, com espectáculo num anfiteatro grego. Depois, escala por Teerão, até Bangucoque (Tailândia), com espectáculos. Depois Hong Kong e Macau, com espectáculos. Finalmente Tóquio (espectáculos), Kyoto (espectáculos), Nara, Kobe, Osaka e *EXPO'70*.

Conosco foram: o Duo Ouro Negro, o Ballet Verde Gaio e a Amália - por nós apupada quando se pôs com cantilenas em espanhol e francês...

À vinda percorremos as mesmas localidades, com excepção de Teerão, substituído por Bombaim e do desvio por Roma e Madrid, em vez de Bruxelas.

De destacar a recepção, com serenata, que o Papa Paulo VI nos concedeu em Castelgandolfo, que documento na fotografia.

Foi conosco, a representar a Universidade, o assistente Dr. Lucas Pires, malgrado amigo de muitas horas de convívio.



São estas memórias, de Juventude e Amizade, de Vida e de Morte (que não existe, pois as saudades não deixam...) que tocam Coimbra com a magia da Imortalidade.

Altino Moreira Cardoso

UM ARTISTA SEM AMBIÇÃO

Particpei há dias numa homenagem a uma figura que deixou marcas indeléveis na academia de Coimbra.

Os livros de quintanistas da Universidade, nos tempos em que essa figura calcorreava as vielas e tascas de Coimbra, têm neles registadas as linhas firmes do artista que caricaturava os estudantes como ninguém. Talvez que 50% dessas caricaturas eram da sua autoria. Com o produto desse trabalho - 50 escudos - lá ia vivendo...

A sua passagem pelo Teatro de Estudantes da Universidade de Coimbra ficou assinalada com excelentes cenários que só ele era capaz de idealizar e que correram mundo com sucesso.

Com um simples guardanapo de papel ele fazia desenhos que encantavam crianças e adultos. De traço firme, sem interrupções, ele produziu quadros notáveis imbuídos de arte e significado. Tenho alguns deles que guardo com o maior carinho.

Era um actor de enorme talento cuja intervenção no célebre Zip-Zip ficou na memória dos tele-espectadores. Fialho Gouveia, Raul Solnado e Carlos Cruz revelaram ao País um actor de excelência mas que nunca abraçou a profissão porque era extremamente modesto e desprovido de qualquer ambição. Em palco era um gigante!

Não tinha o culto do dinheiro. Vivía o dia a dia com os poucos escudos que ganhava a fazer as caricaturas e um ou outro quadro e uma outra decoração. Foi ele o responsável pela decoração do Itamaraty de Brasília, tal a qualidade dos seus trabalhos.

Contava anedotas como ninguém. E, como actor de enorme gabarito, acompanhava as anedotas com a interpretação fiel de um bêbedo, de uma criança, de um gato, de um cão. Publicou mesmo um livrinho - "Cãopêndio" - pondo a cabeça de um cão nas mais variadas figuras...

De uma simples palavra compunha um poema interessantíssimo. Lembro-me daquele que, num jantar entre antigos estudantes, ele fez num guardanapo de papel branco, a propósito do pimento. É que, na altura, se estava a falar de sardinhas assadas...que, claro, necessitam desse fruto da terra para melhor serem saboreadas. Ele escreveu:

O Pimento

*o pimento
é filho
do pimenteiro
e irmão
do pimentão
verde o primeiro
o segundo não
o primeiro
já era verde
antes da legião
o segundo vermelho
antes da revolução
alguns mudaram de cor
e outros... de opinião!*

Um dia, ano 1976, no meio de uma confraternização coimbrã, apercebi-me de que ele não tinha qualquer retaguarda em termos de saúde para além de não ter bens de fortuna. E ele era uma pessoa a quem, enquanto jovem, tinha sido retirado um pulmão!...

Estava também presente o Dr. António Almeida Santos, ao tempo Ministro da Comunicação Social, a quem pus o problema. E logo ali o ministro - o amigo - prometeu resolver o problema, através da nomeação como director de serviços, o que lhe dava acesso aos benefícios da ADSE. Quando se desencadeou o processo, verificou-se que o Tóssan não tinha sequer o 5º ano! Mas, para que serve a amizade? O Dr. Almeida Santos pediu ao Tóssan que lhe apresentasse todos os documentos que atestassem os seus trabalhos artísticos realizados. E falou ao Ministro da Educação, Ten. Cor. Victor Alves, para se encontrar uma solução. Com esses papéis, o Tóssan conseguiu uma equivalência que lhe valeu o acesso à função pública. Oh sorte, no meio do azar!...Meses depois fui visitá-lo ao Hospital Santa Maria onde esteve internado durante 6 meses a tratar uma gravíssima infecção respiratória...

Continuas presente entre nós, Tóssan!

Publicado no jornal Região de Águeda

Amando Rocha

NOTA - Esta rubrica está aberta às "recordações" de todos aqueles que as quiserem lembrar.

OS NOSSOS POETAS

ESMERALDA FERREIRA RIBEIRO - é licenciada em Direito pela Universidade de Coimbra, poetisa e nossa Sócia desde os primórdios da nossa Associação. Da sua obra "Quando o Silêncio tem Voz - Poesia", transcrevemos:

CONSTATAÇÃO

*Cumes de sonho erguidos,
um mar de esperanças a espriar
e alguns anos consumidos
nesse mar a navegar.
Pisando a terra das gentes,
tanta vida a palpitar!
Por isso que, amiúde,
o mistério se adensou,
se mostrou em plenitude.
E o silêncio falou...*

*Nas ravinas da existência
há quem tente a escalada,
há quem brade em alta voz.
Parece que tudo se esconde,
pois só o silêncio responde.
Mas o silêncio gritou...*

E O SILÊNCIO CANTA A VIDA

*Eis que uma árvore tombou
e um grande estrondo se ouviu.
Silenciosamente,
mil outras estão a nascer
sem ruído algum fazer.
Mas tanta gente só fala
daquela que assim caiu,
ao mesmo tempo que esquece
que a vida também floresce,
mesmo quando o mundo cala
e mesmo se nada se ouviu.*

*Desta ninguém se lembrou.
Mas o silêncio a cantou.*

RECUPERAÇÃO

*Mas o silêncio é fecundo.
Pode não gritar,
mas sussurra aos meus amigos
que lhe queiram dar ouvidos
como se sabe expressar.*

*Que ao seu lado,
em seu redor,
há mundo, há gente, há irmãos.*

*Oiçam-se, pois, seus clamores,
seus gemidos, suas dores,
sem medo de dar as mãos.*

*Voz de cultos,
de iletrados...?
Que importa,
se bem a entendem
corações capacitados?...
E o silêncio sussurrou...*

OUVI O SILÊNCIO GRITAR...

*Ouvi o silêncio gritar.
E quis ver se entendia
o que nesses gritos dizia:
Não vinham de um só quadrante,
nem só de terras de minguá;
vinham também d'abastança,
falavam em qualquer língua.
Uma tamanha abrangência,
sem deixar de ser terrena
tinha um quê de transcendência...
E pude entender, por fim,
que o silêncio assim gritante
gritava dentro de mim.*

O JOVEM E A BENGALA

*Um jovem capacitado
uma bengala encontrou;
meio a sério, meio a brincar,
logo ali a experimentou.
- Que útil, p'ra chegar ao cimo,
dispor assim de um arrimo!
E tal gosto lhe tomou,
que muitas vezes a usou;
ao ponto de esquecer
seus dotes desenvolver.
Um dia a bengala quebrou;
e só então entendeu
quão iludido andava.
Agora conta consigo
e compreende o perigo
de uma ajuda mal usada.*

Errata - O poema "Coimbra do Meu Tempo" não é da autoria da nossa Sócia Fernanda Godinho Esteves, como, por lapso, se registou no Capa & Batina nº 24.

TERTÚLIAS ACADÉMICAS

1. EFE-ERRE-Á AO CARLOS COUCEIRO

15 de Dezembro de 2005

A pretexto do livro "Madalena", Sócios e Amigos juntaram-se para ovacionar o Carlos Couceiro e a sua obra literária.

Assim o apresentou o José Henrique Dias:



Abertura pela Presidente da Associação

“Venho trazer-vos um Poeta. Que sabe que a poesia é o exercício de um estilo de vida de que circunstancialmente podem nascer versos. Homem de sentidos extasiados para a beleza, com áfricas e rios e árvores de nomes estranhos a ressoarem no sangue, poentes incendiados e gritos selvagens de aves e feras no brilho do olhar. Doido, imensamente doido aos rastos feromónicos do donaire de moçoilas, a marcar com a magia das palavras as espessuras da sedução. É ele mesmo. O Carlos. O Couceiro.

Conhecemo-nos ainda rapazitos, levava-me ele uns quatro anos, eu a entrar no liceu D. João III, ele vindo do Lobito, muito impante na sua capa e batina, logo logo a dedilhar acordes na guitarra, vindo das lições dos irmãos barbeiros, flávios de sonoridades coimbrãs com sabores a tricana e fados em Dó de dolências nocturnas, como quadros do Pedro Olaio Pai. Em longos fins de tarde, jogávamos à bola com cascas de laranja no larguito em frente à tasca do Romão, ele malabarista a demorar em toques subtis o esmaecer do amarelo até à exaustão, outro numa porta feita baliza à espera do remate certo. Era assim nos últimos anos da década de quarenta, do século que já lá vai, enquanto tardava a hora de alguma leitura para o dia seguinte, logaritmos e guerras púnicas, Garrett

e leis de Lavoisier, Sívios Pélicos, Albuquerque, Figueiredos, e tantos outros, lá íamos cantando e rindo aos sábados de manhã, marcados pelo ferrete do ditador.

Crescemos com a guitarra e mal demos por nós, estava ele a pôr grelo e a serenatar na Sé Velha, e lá se esganizava a minha voz adolescente envolta nos mistérios da noite, o mundo dá tanta volta/quem dera que fora assim...

Levou-o tempo e a engenharia do Porto para a sua África, andou a calcular estradas de ferro e a rasgar a terra mãe em nome do progresso, e um dia voltou, como tantos, igual ao que partira, carregado de sonhos e pronto para novos desafios.

Assim nos reencontrámos, uma boa trintena de anos depois, como se nos víramos na véspera. Irmãos. Que outro é o mesmo sangue onde a amizade indizível supera tempo e distância, com Coimbra em nós na intemporalidade dos afectos, e outra vez a guitarra e a voz, noites de doideira na sua casa da Avenida da Liberdade, novos amigos, novos poemas, novos fados, ele sempre o denominador comum da fraternidade, embaixador do mais alto significado da tríade revolucionária de 1789, a não proclamar mas a viver e a ensinar a viver, pelo exemplo, os valores Liberdade, Igualdade, Fraternidade.

Ele, o poeta de Capim e outros poemas, onde se cruzam vivências e se ouvem tan-tans da imensidão do planalto africano, o olhar a enternecer-se absorvido na Natureza que explode na terra vermelha, irmana os homens e evoca recordações. E onde uma vez e outra Coimbra ressoa nos amigos e nos lugares, nas inquietações e no sentido interrogante da vida. Lá está o Zeca, o Santos Silva, o Tralhão e o Lencastre, que trocou as laicas noitadas da república dos Kágados pelo hábito de frade, consagrado a mistérios que escapam ao poeta, mas a quem pede esclarecimento, para redourar a sua agnosticidade.

Couceiro esculpe a aparência fácil das palavras na construção poemática, potencia nas fulgurações das imagens a substância da sua vivência poética, convida-nos à partilha da sua sensibilidade e deixa-nos esse gosto maior da descoberta. Sensibilidade, diria eu, característica cardinal deste homem que se dá sem reservas e faz da Poesia a itinerância do seu quotidiano. Poesia de anamnese e de rarefacção do eu, corpo a corpo com a palavra na sublimidade da metáfora, uma ética de sentido na esteira de Wittgenstein e uma inquieta agnosticidade do convívio com Bertrand Russel.

Poeta no mais simples dos gestos, fraterno até à dor partilhada, toca a guitarra com o coração, sem primores de técnica, e que importa?, se as sonoridades trazem por dentro um registo de emoções só possíveis aos eleitos da sensibilidade e da harmonia, que nele a guitarra, em acordes

dulcíssimos, traz a magia das noites coimbrãs. Guitarra como poucas, ainda quando os dedos escorregam, transporta a sua alma de poeta, levamos num abraço aos tempos em que Coimbra se plasma heterotopia, a que não se explica por palavras, que se esconde e resplandesce nas dobras da alma, Coimbra íntima nas veias do Poeta.

Se nos toca e nos convoca para a descoberta da Beleza que percorre a sua poesia, no fabulista pode encontrar-se, de uma forma subtilíssima, o exercício maior da sua pedagogia, da sua cidadania. O Couceiro das Fábulas retoma do tempo esse exercício maior da reflexão em torno do que é simples, para nos comprometer com a pensabilidade das histórias, que a antropomorfização dos bichos refaz para a dimensão judicativa e para a resolução moral ou ética.

Fontes longínquas do pensamento, as fábulas foram legando à própria língua tesouros de comunicação, pela via de provérbios, adágios ou anexins, tantos deles sínteses das próprias fábulas. Muitas das frases-feitas ou exemplos de filosofia do povo, preciosos património linguístico, que utilizamos no quotidiano ou registamos em discurso erudito, radicam no mais antigo fabulário. Embora entre nós não fosse género especialmente cultivado, a Fábula teve desde sempre considerável expressão, tratada como objecto de criação ou como recurso intercalar para servir uma ideia. É vê-la nos Cancioneiros Medievais, em D. Duarte, em Sá de Miranda, Rodrigues Lobo e D. Francisco Manuel de Melo, Manuel Bernardes e, depois que La Fontaine lhe deu colorida expressão poética, em Curvo Semedo e Bocage. No século XIX destaca-se o Fabulário de Henrique O'Neill, com enunciada vis formativa, ao ser expressamente "dedicado à educação dos filhos do Povo Português". Também Carlos Couceiro, nas suas Fábulas do Tempo Presente... E do Tempo Futuro, em acto corajoso, como acentua Almeida Santos no Prefácio, retoma o fabulário tradicional, recria-o, inventa outras histórias e compõe um livro em que é preciso reparar, sobremaneira numa época em que andamos todos sobressaltados com o polé a que por todo o lado se submete a nossa bela Língua, e, porque não, as melhores virtudes.

O seu livro ganha importância, porque se trata de um instrumento pedagógico, andragógico e didáctico que em nossa opinião poderia ser tomado pelo seu bom uso com mão diurna, nocturna e diuturna por quem tem obrigação de defender a Língua Portuguesa junto dos mais novos nas escolas, e dos que em ensino de segunda oportunidade se esforçam por fugir à tragédia do analfabetismo radical ou mesmo do tão estabelecido funcional ou da trágica iliteracia que acompanha os escolarizados.

É um livro que possibilita o trabalho de valores

intemporais e de todas as geografias, tão propalados nos enunciados das intenções mas tão arredios do quotidiano da convivência, na escola como de resto no interior da própria família.

Como já ninguém conta nem há quem leia em voz alta em família, perdeu-se esse bem maior que era saber escutar, ficou-se sem tempo de crescer na harmonia do saber dos mais velhos, porque se adulterou o próprio ritmo da natureza.

Não é agora tempo de demonstrar mais fundadamente a importância deste livro de Couceiro, a que dediquei mais cuidada reflexão numa comunicação ao Colóquio "A Lusofonia A Haver", organizado pela Sociedade de Língua Portuguesa, em 1999.

Mas importava referendar como obra que redescobre esse poder comunicacional da fábula como instrumento de reflexão sobre e para a Vida.

É no aprofundamento da substância poética, que se resolve um verdadeiro manifesto de poesia, manifesto que explode no conto/poema Madalena, pretexto desta reunião de amigos e companheiros, para uma celebração eucarística da perfusão do sentir.

Madalena é o amor na sua genésica aparição, a descoberta e o deslumbramento dos sentidos, onde ressonâncias crísticas se entrecruzam com reenvios ao Éden. Não por acaso Madalena, não por acaso os ritmos e os tempos da Natureza, corpos que se tocam e se devoram no verdor dos anos, as mãos e os frutos do Amor em visita.

No ritmo encantatório da construção do poema, as personagens de Carlos Couceiro respiram pureza e ingenuidade devolvida na cronotropia narrativa, na ascese erotizada, momento a momento, como um prelúdio ou o rumorejar de um regato, em hálitos de corpos que se interpenetram para se unificarem na palavra e nos gestos feitos carne, silêncio e devoração do silêncio, o sentido da perda primeira, menina breve, cheiro a jasmim, menina breve... que se foi de mim., à doce samaritana, ressonhada plebeia, reencontrada junto à fonte, para a reconstrução do amor-crisálida que ficara da infância, mulher agora, menina doce vestida de organdi, corpo aberto aos espasmos do delírio, ao grito, ao silêncio e ao cansaço, ao ressoar do sumo que engendra, se resolve fruto e se consagra numa epifania dos sentidos. Disse que estamos perante um belo objecto, que se nos toca pela simplicidade da parábola mais nos deslumbra pelo eco dos mais longínquos registos em cada um de nós, paraísos da sabedoria ganha na perda do paraíso, desafiar a divindade e morder o fruto do conhecimento, ser livre, livre e sem limites na descoberta da beleza e do prazer, com sinfonia de estrelas no firmamento da memória.

E como se não bastasse, acresce o toque precioso das aguadas de Leonardo, tão refinadamente

transparentes como o poema, visualização dos tropos narrativos que nos encaminham para o fim na volúpia do ritmo e da edificação da iluminada sabedoria dos corpos libertos, das palavras ciciadas, dos lábios e dos lóbulos, clarins e papoilas, o frémito imensurável do verbo corporificado, purificado na ascese do sangue e no retemperamento da memória, pétala a pétala, nos ombros a desenhar delírio nas conchas das mãos, nas coxas e nos ventres, clarins de papoila na relembração da vez primeira, sinfonia orgásmica com licor de pérola nas corolas do Ser, e um menino de presépio de restolho de voos de ave e gritos náuticos anunciado e livre.

Convido-vos à leitura e atenta visualização desses dois discursos paralelos, o do poeta e o do artista plástico, e estou certo que, para além da previsibilidade narrativa, hão-de sentir a balada de encantamento que soletra a vida de cada um de nós. Que deuses ou demónios, vá lá saber-se, o sagraram poeta, que Carlos Couceiro se encolhe na modéstia e se sente compelido a sentar no nosso colo a refrescante dádiva de um poema que nos inebria e nos comove, nos torna melhores e nos devolve a um tempo nosso, íntimo e devorante, eis o momento supremo que vos devolvo. quando o silêncio nos bate à porta para nos anunciar que Poesia está aí, nesse livro que, de tão belo, num sentido superior e íntimo foi escrito para cada um de nós, num encontro marcado com a memória, na serena caminhada onde o sonho se metonimiza e nos diz que estamos lá.

E foi então

sem qualquer lucidez

*- cada gesto era avulso-
que tudo se fez a um tempo,
como se para tudo não houvesse vez,
(Cada pouco mais...era de impulso).*

*A roupa...toda a roupa... como não bem sei
comprazeu-se*

em deixar-nos apenas nus!

*Abri-lhe longamente os braços
e deles fiz minha cruz!*

Nus. Diante de nós, se soubermos comer a poesia deste livro, que a Poesia, como dizia a Natália, é para se comer, isto é, consubstanciar na liturgia do Amor o sagrado e o profano que nos viajam os canais do Ser, encontramos em nós, e não fora de nós, o sentido da completude que atravessa o poema de Couceiro, revisitaremos hossanas da própria redenção. Como dizia Hölderlin, "o que permanece, é fundado pelos Poetas". Nesta vivência de sangue frutificado, na aventura maior do amor purificado em transgressão, seremos salvos!

Nove luas depois

*- era Natal na Terra -
nasceu aquele menino
só... de nós os Dois.*

Menina doce:

Sou eu!

quem aqui nos trouxe;

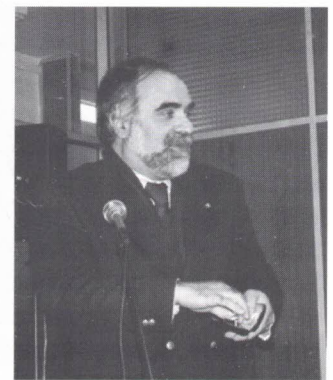
um pouco de ti; um pouco de mim!

Palavras dum Senhor!"

Seguiram-se momentos de poesia pelo Francisco de Vasconcelos e pelo Carlos Carranca, versos do Gustavo Cerdeira, culminando com uma Serenata (quase monumental) em que o próprio ovacionado participou com a sua reconhecida maestria à guitarra.



A poesia pelo Vasconcelos



A poesia pelo Carranca



A participação do Ângelo Araújo



A Serenata

NOTICIÁRIO

I - JANTARES E ALMOÇOS MENSAIS

Correspondendo à sugestão de alguns Sócios, realizaram-se 2 almoços em Julho e Dezembro, com fraca adesão; e os habituais jantares, em Setembro e Novembro, tendo este a "mais valia" das castanhas assadas e da geropiga, festejando o S. Martinho. Em todos eles os aniversariantes ausentes foram lembrados e saudados com "os parabéns a você", ficando os presentes a ganhar com saborosos bolos, palmas e fotografias como estas:



O Coral Ad-Hoc



Os Aniversariantes

II - FESTA DO NATAL

Num fraterno aconchego de 101 convivas promovido pela nossa Filantrópica, assinalámos esta quadra natalícia com um almoço apropriado, seguindo-se uma tarde de confraternização bem recheada, desde o sorteio de um Cabaz de Natal até à actuação do Grupo Coral "Ad-Hoc" e a apresentação de uma pequena peça alusiva à festividade pelo Grupo de Expressão Teatral, culminando com a indispensável e sempre aplaudida "Serenata de Coimbra" pelo Grupo "Porta Férrea".

Todos comungaram o espírito contido neste poema do Francisco de Vasconcelos:

*"Outra vez o Natal
Não o nosso, mas o tal
Que todos nós celebramos
Ao fim de todos os anos,
Em que o menino Jesus
Vem num presépio de luz,
Sempre o mesmo, nunca igual.
Neste Natal, se procuras
Viver um dia diferente,
Vai - e ama as criaturas
Que encontrares à tua frente,
Porque todas são figuras
De um Natal que é toda a gente!"*



O Grupo Ad-Hoc



Parte do Grupo de Expressão Teatral



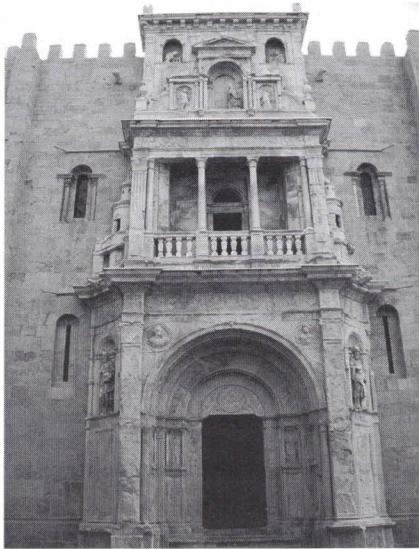
A Serenata

III - ENCONTRO DOS AÇORIANOS

Foi com alegria que os 43 participantes na memorável digressão por ilhas dos Açores se encontraram, recordaram os trajectos através do vídeo e exibiram fotografias, das quais 3 saíram premiadas.

IV - DIA DO ANTIGO ESTUDANTE DE COIMBRA

A Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Coimbra promoveu o XXXV Dia do Antigo Estudante de Coimbra no dia 12 de Novembro, tendo a nossa Associação aderido com bastantes participantes, que confraternizaram com os representantes das outras Associações homólogas, quer no almoço no Centro Cultural D. Dinis, quer num passeio guiado pela Alta de Coimbra, onde vimos a notável obra de restauro da "Porta Especiosa" e ouvimos a sua história, a Sé Velha, e outros locais que nos estão tão ligados à nossa juventude.



A Porta Especiosa

Após os habituais cumprimentos ao Magnífico Reitor e Missa na Capela da Universidade, teve lugar o jantar de gala no Hotel Quinta das Lágrimas, seguido da cerimónia da entrega dos Prémios à Excelência e da Serenata de Coimbra.

V - COLABORAÇÃO E CONVÍVIO COM OUTRAS ENTIDADES

❖ O Magnífico Reitor da Universidade de Coimbra e o Director da Biblioteca Nacional convi-

daram-nos para a inauguração da exposição "Dez Livros que Abalaram o Mundo", seguida de um Ciclo de Conferências com o mesmo nome e a intervenção de várias individualidades;

- ❖ A Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra no Porto comemorou, com a nossa presença, o seu 12º aniversário, promovendo no *Auditório da Universidade Católica* uma exposição e sessão dedicada ao 1º Centenário do "Enterro do Grau", com várias intervenções, debates e representação do seu Grupo de *Coros Dramáticos*;
- ❖ A Associação Académica de Coimbra celebrou 118 anos da sua existência num espectáculo no *Teatro Gil Vicente* que integrou grupos musicais e da dança, homenagens a figuras célebres da História da Academia e um vibrante "Parabéns a Você" a terminar;
- ❖ Também a sua **Secção de Fado** fez questão da nossa presença no seu *XV Festival Internacional de Tunas de Coimbra* (Festuna), que decorreu no *Gil Vicente*;
- ❖ A Casa da Académica em Lisboa contou com umas dezenas de Sócios nossos na sua grande gala anual "Coimbra Encanta Lisboa", no *Hotel Marriot*, onde homenageou o Prof. Doutor Carlos da Mota Pinto, nas palavras do nosso Sócio Daniel Proença de Carvalho, o Dr. Manuel Sobral Torres e figuras ligadas ao desporto, enquadrando ainda dois momentos evocativos: "Recordar Carlos Paredes" e "Ángelo Araújo - Coimbra nos meus Fados";
- ❖ A Casa das Beiras fez-nos participar na apresentação do livro "Estrela", de Gabriel Raimundo, a cargo do Prof. José Manuel Costa Coelho, seguido de uma animação cultural dedicada à Região das Beiras;
- ❖ A Câmara Municipal de Cascais convidou-nos a assistir ao lançamento do livro "*Académica Sempre - a Poética do Futebol*", da autoria do nosso Sócio e Assessor Cultural Carlos Carranca, com a apresentação de Mário Wilson e Emídio Guerreiro, tendo a nossa Associação sido representada por um número significativo de Sócios;
- ❖ A Câmara Municipal de Coimbra também nos convidou para a inauguração da Exposição de José Sarmento, no *Edifício Chiado*.

SE NÃO SABIAS, FICAS A SABER QUE ...

No 2º Semestre de 2005 recebemos ofertas para a nossa Biblioteca e Arquivo, vários livros e outra documentação dos nossos Sócios e Amigos a seguir mencionados: Alcindo Costa, Tito Costa Santos, Almiro Meneses e Castro, Altino Moreira Cardoso, Luís Mesquita, Allen de Matos, Eduíno de Jesus, Maria Isabel Cerveira, Esmeralda Ribeiro e Maria da Conceição.

Também continuámos a receber com regularidade as revistas: "Rua Larga" (Reitoria da Universidade de Coimbra), "O Egoísta" (Casino Estoril), Boletim da AFAP, Boletim da Associação dos Pupilos do Exército, Boletim da Casa de Goa, "Saudação Informativa" (Cooperativa Cultural de Amigos do Esperanto e da Natureza).

Bem-hajam!

- Em Coimbra pela "Coimbra XXI" foi lançado em 11 de Agosto de 2005 o CD/DVD "Coimbra – Espírito e Raiz" de Luís Goes. Foi acompanhado pela edição de um livro que faz a mistura das três última décadas da Canção de Coimbra. Todo o projecto foi concebido por João Moura, Carlos Carranca, nosso Assessor Cultural, e José Santos.
- Encontram-se também à venda na nossa Sede:
 - Vídeos e DVD's das **viagens** organizadas pela nossa Associação.
 - Livros de: Mário Trêpa "*Crónica dos Descobrimentos da Real República do Rás-Teparta*"; de M. Moura-Pacheco "*Foi Coimbra – Os Meus Amores*" e de Amélia da Conceição de Sousa Ferreira-Pinto "*O Povo do Nordeste – Vivências*".
- O CD "**Vinte Anos ao Vivo**", no Centro Cultural de Belém, pelo Coro dos Antigos Orfeonistas da Universidade de Coimbra.

1 - Ainda temos Sócios com **Quotas** em atraso, não só deste ano como de anos anteriores

(as dos anos 1999 a 2005, que perfazem 17 837 Euros...)

Quando estarão todas em dia? **Dependemos da consciência de um dever estatutário...!**

CAPA E BATINA

DIRECTOR - A PRESIDENTE DA DIRECÇÃO

EDIÇÃO: ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ESTUDANTES DE COIMBRA EM LISBOA

INSTITUIÇÃO DE UTILIDADE PÚBLICA

RUA ANTÓNIO PEREIRA CARRILHO, 5 - 1º - 1000-046 LISBOA

TELEF.: 21 849 41 97 FAX: 21 849 42 08 E-MAIL: aaec@sapo.pt

PERIODICIDADE: SEMESTRAL TIRAGEM: 1 000 EXEMPLARES

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA AOS SÓCIOS DA ASSOCIAÇÃO